Sá Earp, Julia

Caminhos e enigmas contra a abstração civilizatória. Resenha de Ideias para adiar o fim do mundo.

RESENHA DO LIVRO

Caminhos e enigmas contra a abstração civilizatória. Resenha de “Ideias para adiar o fim do mundo”.

Ideias para adiar o fim do mundo, Ailton Krenak, 2019, Companhia das Letras, Brasil, 85, ISBN 978-85-359-3241-6.

Sá Earp, Julia

Universidade Federal do Rio de Janeiro

juliasaearp@gmail.com

Cómo hacer referencia a esta reseña: Sá Earp, Julia. (2021). Caminhos e enigmas contra a abstração civilizatória. Resenha de “Ideias para adiar o fim do mundo”. International Journal of Engineering, Social Justice and Peace, v. 8, n. 1, p. 163-167, DOI 10.24908/ijesjp.v8i1.14692

CAMINHOS E ENIGMAS CONTRA A ABSTRAÇÃO CIVILIZATÓRIA

Ailton Krenak nasceu na região do Vale do Rio Doce, em 1953, e desde 1980 trilha um caminho frente às lutas dos povos indígenas, tendo participado da fundação da União das Nações indígenas (UNI) e da Aliança dos Povos da Floresta junto a Chico Mendes¹. Sua fala e seus gestos ganharam o mundo quando em 1987 marcou o processo da Constituinte brasileira ao realizar o potente discurso sobre os inaceitáveis retrocessos aos direitos indígenas espalhando em seu rosto a tinta preta de jenipapo². Nessa luta, exerce seu trabalho incansável, de polinizar seus pensamentos e questionamentos encontrando espaço para provocar e acionar em seus ouvintes a atenção aos muitos equívocos conduzidos pelo violento processo colonial.

Escritor, jornalista, ambientalista, Professor Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e vencedor do prêmio Juca Pato de 2020 de intelectual do ano. Acumula prêmios e homenagens, mas sabiamente se refere a estas titulações como um meio de realizar

¹ Importante liderança e ativista político, ambientalista, seringueiro e sindicalista assassinado por fazendeiros do norte do Brasil em 1988.

² Jenipapo é o fruto do jenipapeiro (genipa americana), árvore nativa da América do Sul, tem usos alimentícios e medicinais, e quando o líquido de seus frutos se oxida, apresenta casca negra.

parceria e se apropriar do sistema colonizador. Se identifica como um *sujeito coletivo*, que fala a partir de um corpo e de um lugar construído coletivamente, compartilhando tempo e experiências. Assim, costura, tece e enreda mundos por meio de sua caminhada conduzida por sua voz calma e palavras cortantes que nos levam a refletir sobre as escolhas que pautaram, e ainda pautam, nosso sistema econômico e social.

O livro ‘Ideias para adiar o fim do mundo’ foi publicado em 2019, antecedendo o período pandêmico, que continuamos a atravessar (ou a permanecer à deriva). Os textos são transcrições adaptadas de palestras e uma entrevista realizadas em Portugal, entre 2017 e o ano de seu lançamento. Assim, chega até nós, uma obra *contra-colonial*, usando o termo de Antônio Bispo dos Santos (2015), não só por ser produzida e revertida por aqueles que viveram os processos colonizadores e agora os explicitam, mas também por manter em sua essência as práticas orais dos saberes indígenas. Neste sentido, as críticas severas ao sistema capitalista são sustentadas por um encadeamento de ideias fluidas e contestadoras revelam a perspicácia e a longa trajetória de luta de seu autor em prol das populações que habitam e habitaram esta terra antes de sua invasão portuguesa e espanhola.

Para dar início a essa resenha gostaria de voltar um pouco em um tempo recente, que contextualiza o que foi e o que é este livro tanto para quem acompanha a trajetória deste pensador como para quem o conheceu em 2020. Em 2018, Ailton Krenak iniciou um projeto inovador junto a Anna Dantes, chamado Selvagem, um ciclo de conversas anuais entre saberes indígenas, acadêmicos, científicos, tradicionais e de outras espécies³, no qual Ailton é o mediador e orientador. O início deste projeto casou com um cenário político e ambiental denso em nosso país, com Jair Messias Bolsonaro recém-eleito, que se intensificou em 2019. No entanto, deste evento algo positivo começou a ser avistado. Parecíamos presenciar a esperança nas micropolíticas das relações e no fortalecimento de uma rede. Porém, não prevíamos a pandemia do COVID-19. Em março de 2020 o vertiginoso agravamento do período nos levou ao confinamento, ainda que desigual e seletivo. Os antigos e os recentes admiradores de Ailton se seguraram ao livro como se fosse ele próprio um dos poucos “paraquedas coloridos” possíveis no momento, fazendo com que o “Ideias para adiar o fim do mundo” fosse um dos livros mais vendidos em 2020.

Naquele momento, de silêncio nas ruas e medo de tudo e todos, o *boom* das *lives* e o esforço de Ailton em comparecer a todos os convites, potencializou seu poder disseminador dos saberes dos povos que tiveram muitos mundos exterminados pelos brancos – os mesmos, ou quase os mesmos, que agora pareciam estar buscando conselhos de como lidar com um possível fim de seus mundos. Assim, foi a voz e o ritmo da fala de Ailton que no início da pandemia parecia nos instigar a acordar de um longo pesadelo de exploração das matas, rios, montanhas e demais seres que deveríamos nos aliar ao invés de explorar ao questionar “Recurso natural para quem? Desenvolvimento sustentável para quê? O que é preciso sustentar?”⁴. Ao levar em conta outras perspectivas, víamos a necessidade de frear ou desacelerar o sistema que nos colocou aqui. Era

³ Site: <http://selvagemciclo.com.br/sobre/>

⁴ O uso de aspas neste texto será exclusivo para citações presentes no livro “Ideias para adiar o fim do mundo”.

um sopro de lucidez. Mas, infelizmente, já escrevo este texto em pleno 2021 após diversas *lives* de Ailton acompanhadas pelo apito do trem da Vale⁵ e a máquina capitalista segue na corrida pelo “último assalto”.

“Ideias para adiar o fim do mundo” é composto por três textos que formulam uma unidade em busca por inspirar o público a pensar junto do autor. Seu conteúdo é político e, assim como toda motivação política, tem como intuito construir alianças ou identificar a quem não devemos nos aliar. Seu título, em forma de uma provocação bem articulada, instiga a nossa busca ingênua por respostas e soluções prontas enquanto funciona como uma isca para que algumas verdades possam ser ditas aos desatentos, o que Ailton sublinha pelas suas palavras.

Ailton desenrola a conversa com seus ouvintes portugueses, e agora com seus leitores, refletindo se estaria mesmo sendo construtivo pensarmos sobre ser uma “humanidade”. Única e homogênea. Pensada e arquitetada pelos homens brancos e europeus ao longo dos últimos milênios. A mesma, e a única, que surge dos violentos processos colonizadores e civilizatórios.

Durante séculos nos foi “empurrado goela abaixo” uma versão da história de um país. Chegamos a acreditar que as populações indígenas do início do século XVI não chegavam a um milhão de habitantes nômades e atualmente sabe-se que a área da várzea amazônica pode ter chegado a 14,6 habitantes/Km² (Carneiro da Cunha, 2009). Se tratava de uma floresta viva, o oposto do deserto verde construído como narrativa do progresso que serviu como base para a construção de mitos civilizatórios, como o próprio mito da *humanidade*, cuja crítica estabelecida pelo autor nos mostra o quanto estamos distantes dos preceitos básicos da ecologia e da Terra em si. Além do mito da *sustentabilidade* que, segundo Ailton, pega carona na herança colonizadora inventado pelas corporações para justificar o assalto que fazem à nossa ideia de natureza, camuflando o horror de seus sistemas extrativistas, pautados pela ganância de uma pequena parcela da população, dona das maiores contas bancárias e dos grandes empreendimentos.

Tal mito é central para que “um monte de corporações espertalhonas” tome conta da Terra enquanto nós, a humanidade, assistimos a voracidade de suas máquinas sugarem junto com o minério as conexões possíveis entre seres humanos e outras formas de vida, impondo uma “abstração civilizatória”. Nesta abstração, nos vemos descolados da terra, em lugares produzidos para a civilização, reiterando a marginalização das populações que vivem da terra e pertencem a ela.

O povo Krenak⁶ vivem na margem esquerda do Rio Doce, no estado de Minas Gerais, no sudeste brasileiro. Um rio que atualmente se encontra “em coma”, como o autor se recorda de forma triste das águas que compõem o corpo de Watu, avô dos Krenak: “Faz um ano e meio que esse

⁵ A Vale é a terceira maior mineradora do mundo e a mais atuante em território brasileiro. Tem sua história marcada por violações ao meio ambiente e comunidades indígenas e ribeirinhas. Inicialmente era uma empresa de cunho estatal mas foi privatizada em 1997, período em que o neoliberalismo se instalou definitivamente no Brasil pós-democratização.

⁶ Atualmente, em uma linha autoafirmativa, os indígenas utilizam o nome de seus povos como segundo nome. Reiterando suas etnias e explicitando um movimento contra o apagamento de suas origens.

crime – que não pode ser chamado de acidente⁷ – atingiu as nossas vidas de maneira radical, nos colocando na real condição de um mundo que acabou.” (p.42). É assim que Ailton fala da relação entre Estado brasileiro e as sociedades indígenas. A partir da experiência de seu povo com este Estado, e da relação deste com as corporações. Sublinha, desta forma, a incapacidade estatal de acolher os habitantes originais ao exaurir a natureza beneficiando os interesses privados.

Ameaçados por estas corporações de minério, os Krenak, assim como os Yanomami e outros diversos povos indígenas e ribeirinhos, materializam neste violento processo o lento apagamento das possibilidades de existência das outras muitas cosmovisões em uma mesma terra, e em um mesmo país. Um desastre ecológico, social, ambiental e terrestre sem precedentes, a que assistimos agarrados em nossos celulares, consumindo e sendo produtos destes fins de mundos.

No entanto, Ailton vê outras possibilidades de arranjo ao olhar para nossos vizinhos do continente, como Equador e Colômbia. Nos mostra como as reformulações de suas Constituições Federais estão sendo realizadas para incluir as cosmovisões indígenas, ampliando para montanhas e rios e demais acidentes geográficos o sentido de “sujeitos de direitos”. Pois estes possuem vínculos com as populações locais, são parentes, celebrados e presenteados como tal e, portanto, podem ter o direito de requerer proteção e distanciamento de empreendimentos extrativistas. “Por que essas narrativas não nos entusiasmam?” questiona enquanto seguimos sufocados ao privilegiar uma narrativa globalizante que não conta sobre as interações interespecies e sobre a felicidade de outros modos de vida.

Nesta trilha, Ailton nos guia para uma reflexão sobre a contradição entre “Estado” e “Nação” e “Estado-nação”, nos levando ao nosso tempo como “especialista em criar ausências” do sentido de viver em sociedade e do próprio sentido de vida. Em uma das passagens, chama para a conversa José Mujica, e nos pede para sermos críticos a essa ideia plasmada de humanidade homogênea recordando que devemos nos atentar à transformação das pessoas em cidadãos e não em consumidores. Para Ailton, a falta de perspectiva política nos impossibilita de nos erguer, respirar e ver o que realmente importa para as pessoas, coletivos e comunidades em suas ecologias. E suavemente nos fala: Quando você sentir que o céu está ficando muito baixo, é só empurrá-lo e respirar. Como constelações, diferentes umas das outras, resistindo à homogeneização e à imposição de um desprazer em estar vivo.

E assim, ao nos contar que a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições, nos lembra que as nossas subjetividades não podem ser consumidas e sim celebradas, vividas ao invés de serem vendidas como mais um entretenimento. Seria esta a forma de manter parte da natureza a salvo, e não deixar essa parcela ser assaltada como os rios, montanhas e matas, pois como nos recorda “tudo é natureza”. Mas terá o céu ficado baixo demais para ser empurrado de volta para o lugar? Ailton nos mostra com seu tom ácido e doce, caminhos e

⁷ (N.A.) A barragem da Samarco, gerenciadas pelas Vale e BHP Billiton, rompeu-se no dia 5 de novembro de 2015, provocando um verdadeiro o mar de lama tóxica que devastou o Rio Doce e atingiu o oceano no Espírito Santo.

enigmas. Contar histórias e se agarrar à criatividade de paraquedas coloridos não são metáforas, mas sim falas de um autor que conta sobre o que é ser indígena em pleno século XXI, e consequentemente pertencer à história de quinhentos anos de resistência e re-existência.

REFERÊNCIAS

- Ailton Krenak, a potência do sujeito coletivo.(2018) Revista Periferias. ano 1,Volume 1, edição 1.
Em: <https://revistaperiferias.org/materia/a-potencia-do-sujeito-coletivo-parte-i/>
- Bispo dos Santos, Antônio (2015). Colonização, Quilombos, modos e significações. Brasília.
Realização Instituto Nacional de Ciência e Tecnologias de Inclusão e no Ensino Superior e na Pesquisa - INCTI.
- COHN, Sérgio (org.). Ailton Krenak. Série Encontros. Rio de Janeiro: Azougue, 2015
- da Cunha, Manuela Carneiro (2013). Índios no Brasil: história, direitos e cidadania. Editora Companhia das Letras.
- Krenak, Ailton (2019). Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo; Brasil. Companhia das Letras.
- Krenak, Ailton (2020). O amanhã não está à venda. Companhia das letras, 2020.
- Krenak, Ailton (2020). A vida não é útil. Companhia das letras, 2020.

Julia Sá Earp

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia pelo IFCS-UFRJ. Possui mestrado em Arquitetura e Urbanismo (2017) pela PUC-Rio e graduação em Desenho Industrial (2012) pela mesma instituição. Designer e ceramista, é pesquisadora associada ao LADA, Esdi/UERJ, e ao laboratório NEXTImagem (PPGSA/UFRJ). Atualmente desenvolve sua pesquisa entre os campos da antropologia e do design sobre a produção estética e política das mulheres mēbêngôkre- Kayapó.